

## O Prémio Victor de Sá de História Contemporânea – 2009

José Viriato Capela



Ao Prémio Victor de Sá de História Contemporânea concorreram no presente ano de 2009, oito trabalhos. Seguindo o que já vem sendo regra, tratam-se no essencial de dissertações académicas de Mestrado e Doutoramento, defendidas em diferentes Universidades Públicas Portuguesas e no Instituto Universitário Europeu de Florença. Hoje podemos dizer que se trata já de um Prémio Universitário, que ganhou o maior prestígio no seio da Universidade, nos Departamentos, docentes e investigadores de História Contemporânea a que se dirige.

Os trabalhos concorrentes, como é sabido, devem inserir-se no período de História Contemporânea Portuguesa. E o que se tem verificado é que cada vez mais eles se fixam em temáticas do século XX e alguns mesmo sobre temas e matérias que nos são muito próximas (do período pós 25 de Abril de 1974). Foi este também o caso do presente ano. A obra vencedora trata um tema – A Independência de Angola – que é para muitos ainda uma memória vivida, e o autor pôde recorrer a testemunhos participantes dos acontecimentos.

## 1

## Breve nota sobre os trabalhos apresentados a concurso

Três trabalhos abordam temáticas situadas cronologicamente nos horizontes de 1974/75:

- Tiago Severiano Paiva de Almeida Carvalho – *“Do Lirismo ao Pragmatismo”: A dimensão multilateral das relações luso-brasileiras (1974-1976)*. Passa em revista e questiona o padrão de relacionamento bilateral Lisboa e Brasília, no quadro do fim do Estado e relação colonial de Portugal com os domínios ultramarinos, e com o percurso da Descolonização.
- Aurora Alexandrina Vieira Almada e Santos – *O Comité de descolonização das Nações Unidas e os movimentos de libertação das colónias portuguesas, 1961-1976*. Pretende fixar os traços e quadro geral do relacionamento entre o Comité de Descolonização criado pela ONU em 1961 que Portugal não reconhece tendo em vista os seus objectivos – defesa do direito à autodeterminação e independência dos Países e Povos Coloniais – e os movimentos de libertação das colónias portuguesas. Nele se relata como aquele Comité de Descolonização adoptou um conjunto de medidas favoráveis aos movimentos de Independência.
- Jorge Manuel Rios Revez – *“Os vencidos do Catolicismo”. Militância e atitudes críticas (1958-1974)*. Tomando como tema de partida o poema de

Rui Belo – *Nós os vencidos do Catolicismo* (de 1970) – passa em revista o papel da militância e oposição católica (através de algumas figuras, de Rui Belo, José da Felicidade Alves) ao Estado Novo, no quadro das propostas do Concílio Vaticano II e desenvolvimentos políticos de Portugal nessa conjuntura.

Os demais trabalhos tratam temáticas para períodos recuados. Dois estudos sobre duas instituições de Ensino Superior:

- Hugo Gonçalves Dores – *A História na Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1930)*. Segue-se a configuração dos Estudos Históricos no Ensino Superior, primeiro no Curso Superior de Letras (entre 1858-1911) e depois com a criação em 1911 da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras. Aquela data de 1930, marca o término do curso de Ciências Históricas e Geográficas, criado em 1911; em 1926 viria a ser criado o novo curso de Ciências Históricas e Filosóficas que assim se manteria até 1957, quando o ensino de História se autonomizou. É um trabalho sobre o lugar da Geografia, da Filosofia e da História no nosso Ensino Superior, seguindo as suas relações. E no que diz respeito à História fixando a configuração das disciplinas e temáticas de ensino, os seus primeiros professores.
- Ana Isabel Silva – *A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca* (obra editada). Estudo monográfico sobre a 1.ª Escola de Enfermagem do País. Por este trabalho, segue-se a evolução do ensino da Enfermagem em Portugal, desde os primeiros estudos de iniciativa privada nos finais do século XIX, à sua integração na rede pública do Ensino Superior. Tal decorre da criação nos Hospitais da Universidade de Coimbra, em 1881, da 1.ª Escola de Enfermagem, pela mão de um médico e docente da Faculdade de Medicina, até à recente decisão governamental de fundir numa única instituição as duas escolas de Ensino Superior de Enfermagem da Universidade de Coimbra. É uma larga monografia que para além de permitir seguir a organização dos estudos, os seus docentes, permite fixar os termos da formação do enfermeiro e ver como a ela evolui de um quadro de exercício da “enfermagem como missão” para a “enfermagem como profissão”.
- Ana Filipa Prata – *Políticas portuárias na I República (1880-1929)*. Estudo sobre a realidade portuária portuguesa naquele período, e sobre a importân-

cia que o sector virá a assumir no pós Monarquia, quando sob a República se assumir uma política de portos, com a concentração de investimentos nalguns portos principais.

- Cátia Antunes dos Santos Salvado de Fonseca – *Uma família de fotógrafos: Carlos e Margarida Relvas*. Passa-se em revista os primórdios da Fotografia em Portugal, o papel de Carlos Relvas e da sua filha Margarida Relvas e do seu atelier "Catedral da Fotografia" na afirmação da importância da Arte da Fotografia e da Indústria Nacional.

O júri no presente ano integrado por Rui Luís Cunha Martins, Prof. Auxiliar da Universidade de Coimbra, por António Pires Ventura, Prof. Catedrático da Universidade de Lisboa e por José Viriato Capela, Prof. Catedrático do Departamento de História da Universidade do Minho, decidiu por unanimidade premiar o trabalho de Fernando Tavares Pimenta – *Angola. Os Brancos e a Independência* (Edições Afrontamento, Coleção Biblioteca das Ciências Sociais): «atendendo ao carácter inédito do tema e ao tratamento aprofundado e sistemático que o transforma em trabalho de referência sobre a matéria». Isto sem embargo de registar a grande valia dos outros trabalhos que aliás como tal já foram assim avaliados pelos respectivos júris universitários.

## 2

### Nota sobre a obra vencedora

Trata-se de um livro resultante da tese de doutoramento, apresentada em 2007 ao Departamento de História e Civilizações do Instituto Universitário Europeu de Florença. O grande desenvolvimento, profundidade e qualidade científica do trabalho resulta sem dúvida também de este trabalho estar na continuidade da investigação anterior do autor na tese de mestrado – *Branco de Angola. Autonomismo, Nacionalismo*, editada pela Editorial Coimbra Minerva, 2005.

O que se pode dizer, em breve nota sobre a valia desta obra? Dois destaques:

## 2.1

### Sobre a Bibliografia e as Fontes

Trata-se de um extenso trabalho académico, com uma vastíssima e actualizadíssima bibliografia que permite fixar bem o estado das questões e os debates e a historiografia sobre a temática. Ultrapassa claramente, como é seu objectivo, alguns temas, lugares comuns, máximas e discursos historiográficos clássicos e dominantes. Tal foi feito procedendo a uma apreciação crítica da historiografia e literatura dominantes que não permitiu ou permite, se não de modo desfocado, atentar no papel dos Brancos e na génese angolana (nativa) da independência nacional, designadamente a) o campo da historiografia e literatura neo-colonial, onde emergem as teses do Luso-Tropicalismo; b) o campo da historiografia marxista, onde a luta de classes passa pelo relevo da acção, dos movimentos dos nativos pretos e crioulos e análise das tensões raciais; c) a historiografia política do quadro dos partidos, guerrilheiros, que se centra essencialmente na acção da luta armada e no papel dos autóctones (pretos).

Este trabalho assenta numa larga exploração dos fundos documentais apropriados, a saber do Arquivo António Oliveira Salazar, Arquivo PIDE/DGS (Serviços Centrais e Delegação Angolana), Arquivo Histórico Ultramarino, Fundos Estrangeiros (Public Record Office, Londres). E também da imprensa coeva, designadamente a angolana. Saliento aqui o recurso à entrevista de agentes e personagens significativas da guerra, da independência e da descolonização. Estes fundos e entrevistas permitem alargar e aprofundar as matérias e temas de estudo. Por isso é uma obra maior que ultrapassa em envergadura de investigação e problematização o que se tem escrito sobre o tema. E tem sido múltipla a investigação sobre o tema, alguma da qual tem sido oponente ao Prémio de História Contemporânea.

## 2.2

### Metodologia. O tema

A maior novidade deste trabalho está essencialmente na abordagem metodológica e termos de observação e tratamento da temática.

A obra é beneficiária do quadro e da noção operatória do conceito de *Complexos Histórico-Geográficos* (V. M. Godinho) que analisa o quadro da evolução da História de Portugal e as suas principais etapas e periodizações no quadro da evolução e configuração de Portugal Metropolitano com os domínios ultramarinos e o Império. Ao Portugal de Quatrocentos e Norte Africano, segue-se um Portugal Oriental, depois um Portugal Atlântico e Brasileiro do século XVII e XVIII; no século XIX um Portugal Africano, e pós 1974, o Portugal Europeu. A progressiva evolução das configurações geográficas do Império, condicionam as mudanças estruturais e a emergência de novos regimes políticos em Portugal. Assim, a Independência de Angola e o 25 de Abril de 1974 são faces da mesma moeda. Fernando Tavares Pimenta, usa largamente o conceito de Interdependência, que considera pobre para analisar este relacionamento.

Este trabalho segue claramente aquele plano de fundo de abordagem, sublinhando naturalmente, para esta etapa, no quadro das relações globais internacionais do Pós-Guerra, o interesse e envolvimento mais directo e crescente das Nações Europeias e novas potências nos problemas e questões africanas. Mas o que nesta obra particularmente se aprofunda é o plano político-social do relacionamento da Colónia com a Metrópole e menos o contrário. Daí que o tema central da obra seja a Independência, a luta pela Independência e não a descolonização.

O outro aspecto é o de centrar a sua análise no papel dos Brancos colonos e/ou africanos, seguindo desse quadro o desenvolvimento de um Nacionalismo de cor branca, europeizante e africano e as relações políticas entre Angola e Portugal, em particular nos debates e propostas sobre Autonomia, Desenvolvimento e Independência, os vocábulos mais fortes do quadro e gramática política das comunicações periferia-centro e centro-periferia do Império Português, da República aos Acordos de Alvor de 1974.

Afinal o que a tese mostra no essencial é que há vida política, muito activa, dos Colonos e Brancos em Angola. A propaganda do Estado Novo do unanimismo das Colónias com o Regime, que fazia assentar na solidez e sintonia de objetivos (políticos e sociais) da sociedade colonial branca com o Regime e que nele fazia assentar a sua solidez e força e em nome dos quais o Regime não devia soçobrar, na sua obra, não corresponde de todo à realidade. Seguem-se esses desenvolvimentos e afrontamentos para a República, para o Estado

Novo, para o período pós 1961 e em 1974. Emerge aqui claramente a força e papel dos Brancos, a sua organização mas também as suas debilidades em prol da Autonomia e da Independência e como é que eles se posicionaram na evolução daqueles conceitos e propostas.

Há aqui contributos novos e importantes desenvolvimentos. Lembrarei a mais forte contextualização da acção de Norton de Matos e a força do projecto autonomista dos "Republicanos" angolanos; a acção do Padre Monsenhor Alves da Cunha; do bispo D. Moisés Alves de Pinho, enfim da Igreja católica angolana em prol dos direitos e estatutos dos povos contra a Ditadura; o alcance e significado das reformas de Adriano Moreira e Marcello Caetano e mesmo as causas do fracasso da FUA e do papel dos Brancos no processo de Independência e Acordos de Alvor (compreendido agora em mais largo discurso histórico-temporal). E sobretudo por esta obra é possível fixar melhor o contributo dos Brancos para a construção do Sentimento/Consciência e Ideário Nacionalista Angolano. Isto, sem embargo, da acção de certos quadros da população branca precisarem de serem chamados a um desenho ainda mais completo desta questão, designadamente, os quadros e população administrativa, a Igreja, as Missões, os Militares.

Em conclusão: Este é um trabalho de referência para Angola, para a temática em causa. Ele ajudará a escrever também a História da Independência e Descolonização das outras colónias e domínios ultramarinos portugueses; enfim, é um contributo importante para a escrita das Histórias de Portugal, permitindo ultrapassar as lacunas no que diz respeito aos seus capítulos, o Colonial e Ultramarino.

O concurso desta e das demais obras ao Prémio de História Contemporânea (2009), continua deste modo a concorrer para a melhor dignificação e papel deste Prémio.